



PAGINA CAMPONESA

Mais de 200 famílias escravizadas

Na Fazenda de Geremia Lunardelli, em Jaraguá

Trabalham sob condições de verdadeira escravidão — O barracão rouba tudo que os camponeses ganham — Enganam os trabalhadores para eles irem prá Fazenda Monte-Alegre — Metodos terroristas e jagunços para roubar dos camponeses — Os camponeses precisam se unir e lutar contra a exploração

Jaraguá, município de Jaraguá — (Do correspondente) — Mais de 200 famílias trabalham na fazenda de Monte Alegre nas piores condições, como escravidão, no sítio. A fazenda pertence ao sítio do Café, o fazendeiro Geremia Lunardelli.

A exploração é terrível; os empregados ganham 1 cruzeiro por cova de café formado em 4 anos, mas devido a cova ter de 0

a 8 pés, conforme está nos contratos da fazenda. A cova que tiver menos de 8 pés será considerada falha e o empregado

tem que pagar 3 cruzeiros de multa. Para escravizar ainda mais os trabalhadores, o fazendeiro Lunardelli põe como taxa de ferro na fazenda um senhor por nome Wilmar, homem este que trata os trabalhadores com toda a estúpida.

O pequeno contrato diz, em seu item 6, que, por motivo de doença prolongada o lavrador perderá seus direitos na fazenda, devendo retirar-se sem direito a indenização.

formada não dá para consumo de 15 dias, e já obriga muitas famílias a comerem quando há crédito, nos tuberos para cultivar, onde os preços também são elevados. Para se ter uma base, eis o preço de algumas mercadorias: farinha, 10 cruzeiros o quilo; café, 20 cruzeiros o quilo; açúcar, 10 cruzeiros o quilo; leite, 10 cruzeiros o quilo; e outros, a saber por dia.

O camponês trabalha o ano inteiro, debaixo de chuva, sol, maleita e muitas vezes com a barriga vazia, esperando que chegue a colheita para ele poder comprar algum remédio, vestir os filhos e a mulher. Mas...



... chega a colheita, o latifundista dono da terra toma metade ou a terça parte da produção. Para o camponês, que derramou o suor seu e o da família cuidando da roça com todo sofrimento, o latifundista só sobra da divisão. O camponês tira o que é necessário para alimentar-se um ano e vende o resto baratinho, pelo preço que os ricos querem pagar. O dinheiro que apara não



4 - PELA ENTREGA DA TERRA A QUEM A TRABALHA

A ladroeira do barracão

O barracão que vende os gêneros alimentícios, é como um todas as fazendas, uma ladroeira. Os empregados, desde a sua primeira condição financeira, e, ainda devido ao fato de quase todos deverem à fazenda, são obrigados a comprar no barracão, onde o preço é «exorbitante». O barracão só funciona de 15 em 15 dias e a quantidade de fornecimento é fixada pelo Wilmar, acontecendo que às vezes a quantidade

Levam os trabalhadores enganados com promessas

O Jacinto da Silva, que trabalha em Monte Alegre, nos conta: Foi enganado por aquela fazenda pagando-lhe que lá era muito bom, mas a verdade é que acabou por perder a saúde, assim como muita mulher, de tanto trabalhar lá sem conseguir nada. O grito foi alto daquela fazenda, pois não acabariam mais. Lá de dentro, a fazenda por «obediência» (Ochocel no 2º pág.)



dá para nada. O camponês vai à cidade fazer compra e tudo está muito caro, muito acima do que o seu dinheiro dá para comprar. Por isso, todos os camponeses precisam se unir e organizar nos comitês da Frente Democrática de Libertação Nacional e lutar pelo seu Programa.

O 4º. Ponto do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional diz:

Confisco das grandes propriedades latifundiárias com todos os bens móveis e imóveis nelas existentes, sem indenização, e imediata entrega gratuita da terra, máquinas, ferramentas, animais, veículos etc, aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura. Abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, da "terça" da "costa", etc, abolição do sal e obrigação do pagamento em dinheiro a todos os trabalhadores. Imediata anulação de todas as dívidas dos camponeses para com Estado, bancos, fazendeiros e usurários.

O Comandante da Frente Democrática de Libertação Nacional é Luiz Carlos Prestes,



LUIZ CARLOS PRESTES

Camponês:

Die 16 de fevereiro instalou-se a em Goiânia o II Congresso Camponês de Goiás. Pela baixa do salário — Por aumento de salários para os empregados — Por assistência governamental — Pelo financiamento da produção para o lavrador — Contra a falta de soldados brasileiros para a guerra que os americanos fazem contra os camponeses e o povo do Brasil — Contra o aumento do custo de vida — Por transporte para permitir o rápido escoamento da produção de sua lavoura. Camponês! O congresso é em dia meus pelo qual voce pode lutar contra a exploração brutal dos fazendeiros que lhe cobram 30 x 30 por cento de a produção. O Congresso será o começo da união de todos os camponeses para lutar juntos por seus direitos por uma vida mais fácil e digna, contra a exploração, a guerra, a miséria e a fome. Portanto, voce deve preparar toda ajuda e realização do Congresso, pois ele será um congresso sério. Ajude a realização do Congresso convidando todos os seus camponeses e fazendeiros com eles uma reunião, escolha uma delegação para representante a fazenda em que voce trabalha ou o povoado onde voce mora, no Congresso. História da União dos Camponeses de Goiás

Preparações para o Congresso Camponês

Falando a reportagem de "Frente Popular" o Presidente da União dos Camponeses de Goiás, sr. José Basílio disse que desenvolve-se em todos os municípios, fazendas e povoados desse Estado, intensa preparação para o maior êxito do Congresso Camponês de Goiás. Nesta preparação, são feitas reuniões de camponeses que desde já discutem seus problemas coletivamente e começam a lutar para resolvê-los.

O Congresso Camponês - Um comunicado de última hora da União dos Camponeses de Goiás, informa que a realização do II Congresso foi antecipada para os dias 16 e 17 de fevereiro. Isto porque 24 de fevereiro, data anteriormente marcada, seria dia de Carnaval.